



## “Transformação tecnocultural, cidadania e confluências metodológicas”<sup>1</sup>

**Prof. Dr. A. Efendy Maldonado<sup>2</sup>**

**Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)**

### **Resumo**

Os processos históricos de mudança que acontecem no mundo e, em especial, na América Latina e o Brasil inspiram esta reflexão teórica metodológica. Conflui nela a revolução tecnocultural que representa a *digitalização* da comunicação social; os processos político sociais de mudança na região e a conseqüente possibilidade de superar as *democracias liberais representativas*, como também a estruturação de estratégias de conhecimento para a transformação a partir da hipótese *transmetodológica* construída pelo autor desta comunicação.

### **Palavras-chave**

revolução digital; cidadania; transmetodologia.

### **1. Transformação tecnocultural**

A configuração de dimensões digitais culturais nas duas últimas décadas é uma transformação qualitativa que desestrutura os enquadramentos de produção simbólica estabelecidos pela matriz das grandes *indústrias culturais* do capitalismo oligopólico do século XX; não obstante, essa realidade ainda permanecer hegemonzando o conjunto dos campos midiáticos no mundo, simultaneamente, fluem um conjunto de processos de produção de bens culturais que se estruturam na *multidimensionalidade* digital (CASTELLS, 2004). Nessas novas condições de fabricação de mensagens, informação, arte e conhecimento as possibilidades de construção são amplas, abrindo campos de experimentação estética, comunicacional, política e social significativos. São ilustrativos os exemplos de experimentação fotográfica, musical, radiofônica e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na NP Comunicação para a Cidadania, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor/Pesquisador PPG Ciências da Comunicação UNISINOS. Coordenador do Grupo de Pesquisa PROCESSCOM (CNPq/CAPES/UNISINOS). Editor Geral da revista *Fronteiras/Estudos midiáticos*. Professor visitante Universidad Autónoma de Barcelona; Universidad Andina Simón Bolívar; UNITINS, UFPI; UPSQ; UCE.



audiovisual das novas gerações de produtores, as quais aproveitam as facilidades e os recursos dos aparelhos e tecnologias digitais para produzir conjuntos simbólicos de singular expressividade e força.

A revolução, em termos dos *suportes de produção*, é profunda. Em primeiro lugar, acabou a dependência dos materiais atômicos (papel, plástico, madeira, couro, vidro, etc.), provocando a queda dos custos de produção – que diminuíram consideravelmente, afetando a lógica da concentração produtiva do modelo industrial capitalista. Em segundo lugar, geraram-se condições de interpenetração de subcódigos, códigos, lógicas, narrativas e formatos, os quais tornam possível a configuração de tempos/espacos hipertextuais que permitem avançar na manifestação de conceitos, idéias, percepções, noções e conteúdos de modo confluyente e dialético. É assim que a diversidade e complexidade do real, na condição digital, se manifestam de modo mais adequado, amplo, rico e profundo se comparadas com as outras configurações textuais. Numa terceira linha, também de mudança, constata-se que o exercício da produção estética, tanto quando alcança os níveis de produção artística ou quando se manifesta de modo artesanal/operativo, tem, na realidade digital, no concreto produtivo digital, uma ampliação das possibilidades de participação, dado que as habilidades e os talentos na fabricação de conjuntos simbólicos/culturais depende menos dos talentos corporais e instrumentais e depende mais do talento (eixo lógico paraconsistente) e das competências para lidar com a dimensão estética/sensitiva de configuração de objetos comunicacionais. Nessa perspectiva, as competências combinatórias, de estruturação, dialéticas e paradoxais contribuem mais para as construções digitais que as habilidades plásticas e corporais presentes nas estruturações pré-digitais. Num quarto aspecto constitutivo, esses suportes têm um potencial de propriedade comunicativa muito maior que os suportes atômicos, eles estão mais próximos da velocidade do pensamento, da complexidade da mente, da dimensão poética e científica do cérebro humano; comunicam-se melhor e comunicam de maneira hipertextual o que é concebido, organizado e configurado pelos investigadores, artistas e pessoas comuns. Esta propriedade torna estas tecnologias mais adequadas para a transformação, a mudança, a revolução e o exercício da cidadania comunicacional, tanto pela sua flexibilidade estrutural quanto pelo potencial de confluência que possuem. Para o que interessa nesta argumentação numa quinta perspectiva, os *suportes de produção simbólica digital*, dada sua estrutura informática de abertura para amplas conexões em rede, distanciam-se da



lógica estrutural física (geografia urbana e sofisticados guetos do mundo desenvolvido) e econômico-política da *propriedade privada espacial*, tanto no modelo de condomínios (muito similar ao das cidades feudais, ou ao das aldeias puritanas conservadoras), quanto do modelo dos estados “pasteurizados” construtores de grandes muros de apartheid (Israel, Estados Unidos e, em breve, União Européia). Os *suportes comunicacionais digitais* favorecem, assim, as relações multiculturais; o intercâmbio de conhecimentos não oficiais (etnocêntricos, logocêntricos e universalistas); a mescla produtiva de arte e produção estética (mundo sensível manifesto); o conhecimento de outras formas de vida, valores, costumes e hábitos sociais; o reconhecimento de epistemologias múltiplas (não só a razão axiológica, instrumental excludente). A categoria *relação, inter-relação*, que é um componente central da compreensão da *comunicação*, nos processos digitais tem condições de expansão, aprofundamento e diversificação maiores; como também de novas qualificações, gerando redes de vários tipos, entre elas um número significativo que pensa e age pela construção de formas de vida que superem a hegemonia capitalista.

Nos processos comunicacionais digitais se constata inúmeras possibilidades de criação, produção e mudança social, mas, ao mesmo tempo, ainda temos grandes obstáculos culturais, educativos, políticos e sociais que freiam a mudança. Entre esses empecilhos, talvez o menos difícil de superar seja o do *acesso* às mídias e recursos digitais, se considerarmos que a lógica do capital joga a favor da expansão e penetração dessas tecnologias em amplos setores da população, conforme mostra a história da estruturação dos mercados radiofônico e televisivo no passado mediato. O *capital* precisa expandir-se constantemente, reestruturar seus produtos (modelos) em ciclos cada vez mais curtos. No caso da informática, este fator é ainda mais acelerado, e o sistema, também, pela sua lógica produtiva, precisa constantemente ir diminuindo custos e expressando-se selvagem (desemprego) e civilizador (oferece tecnologias para amplos grupos) (SOROS, 2001). É sintomático o que tem acontecido com o mercado de computadores no Brasil entre 2005 e 2008: a queda dos preços dos aparelhos se dá em proporção geométrica e em sentido inverso ao aumento de possibilidades técnicas das máquinas a disposição. Apesar de que ainda se comercializam modelos ultrapassados nos países desenvolvidos, cada vez mais a oferta se aproxima, em termos de qualidade, aos oferecidos nesses mercados, dada a diminuição dos ciclos de vigência dessas máquinas (ciclos mensais). Nesse aspecto, é curioso constatar como a lógica dos



oligopólios luta por manter enquadramentos ultrapassados. Na América Latina, entre 2006 e 2008, observa-se uma concentração da empresa estadunidense DELL no mercado das ofertas de computadores, contrariando a tendência à diversificação dos produtores. Nos países emergentes, por exemplo, vão-se estruturando condições de base para superar os oligopólios (China, Índia, Brasil, Finlândia, Rússia, Coreia, etc.); as leis e regulamentos buscam favorecer a estruturação de pesquisa e indústria de informática, procurando a mudança estratégica de base da produção digital. Nessas formações sociais, provavelmente acontecerão as mudanças mais aceleradas nos campos social, cultural e tecnológico. O aspecto econômico-político do problema do uso, acesso e fruição das tecnologias digitais não é o maior, nem poderá impedir a expansão e penetração desses bens tecnoculturais nas nossas sociedades. Nessa linha, a lógica capitalista seguramente se apresentará como civilizadora (HARVEY, 2005).

O problema tecnocultural e comunicacional maior situa-se em termos de *conhecimento*. É necessário promover uma *revolução tecnocultural* que modifique os planos, modelos e programas de formação das novas gerações, inserindo a pesquisa, a experimentação empírica e mental desde o ensino básico. A transformação na *educação* é urgente. Não podemos continuar com modelos disciplinares dos séculos XVII e XVIII. As sociedades, as crianças, os jovens necessitam da configuração de uma institucionalização socioeducativa que acompanhe a riqueza cultural produzida no século XX. No campo da comunicação, é urgente superar o *instrumentalismo funcionalista* que limita as pessoas a realizar práticas repetitivas, pouco inteligentes, mentalmente domesticadoras e redutoras das possibilidades inventivas, lúdicas, cognitivas e comunicativas que as atuais tecnologias potencializam.

A *transformação tecnocultural* que a invenção e o funcionamento do *tempo/espço* digital têm tornado possível, suscitou, também, um desenvolvimento da *cultura das redes*, dado que as conexões entre nós e sujeitos apresentam-se factíveis e em condições de intensificação, intercâmbio, cooperação e fluxo mais eficientes e dinâmicos que nos formatos atômicos. Tanto em termos de abrangência, penetrabilidade, simplicidade de instalação e funcionamento, quanto no sentido de potencialidade comunicacional e informacional, a mudança é *qualitativa*. Sem a base eletrônica digital, a produção de hipertexto e multimídia não teria condições de democratização e configuração ampliada complexa (CASTELLS, 2004), apesar da existência de todas essas condições técnicas



favoráveis para a mudança de paradigmas comunicacionais. A fascinação tecnológica, o caráter fácil do exercício digital ofertado pelos oligopólios e o condicionamento instrumental – ao qual as pedagogias vigentes e as práticas profissionais orientam, reduzindo as atividades humanas (trabalho, entretenimento, sexo, espiritualidade, luta) à lógica do lucro capitalista –, precisam ser questionadas e superadas mediante estratégias fortes de educação em comunicação digital, dotando aos produtores de conhecimentos (e técnicas) de competências e recursos de trabalho inventivo. As lógicas de programação e construção de estruturas informáticas necessitam penetrar nas sociedades, partindo da *cultura dos usos inteligentes e críticos* e chegando à instauração de fortalezas de conhecimento em cultura e comunicação digital.

## **2. Processos político-sociais de mudança na região**

A América Latina, durante as décadas dos anos 1980 e 1990, experimentou uma era de aplicações de receituários *neoliberais* no plano econômico e *neoconservadores* na dimensão política (STIGLIZ, 2006; CHOMSKY, 2004; MATTELART, 2002b). A maioria dos países que estiveram sob regimes ditatoriais explícitos (outros, como a Colômbia, têm sido “democracias” de fachada, que aplicam o terrorismo de Estado por exemplo sob normas de exceção), em muitas ocasiões militares, passou a funcionar sob o modelo da *democracia liberal* tradicional estruturada nos Estados Unidos e na Europa ocidental. Não obstante ser um fato histórico reconhecido por todas as vertentes políticas, a *realidade diversa* da América Latina, se comparada com a dos berços da democracia liberal, as forças políticas internas (elites tradicionais e modernizantes) e as forças hegemônicas internacionais (políticas e econômicas), confluíram no desenho de constituições, leis, planos econômicos, formatos de governo que pretendiam promover o *desenvolvimento* com base em concepções abstratas, fora das características multiculturais e socioeconômicas concretas das *formações sociais latino-americanas*. O resultado foi desastroso, como se comprova nos relatórios da Comissão Econômica para América Latina (CEPAL), nas informações dos institutos de pesquisas econômicas e sociais das universidades e até dos relatórios do Banco Mundial. O modelo promovido pelo FMI e pelo BM, que tem por trás (principalmente) o interesse oligopólico e imperial do *complexo militar industrial* EUA, fracassou de maneira ampla e profunda. Uma das principais conseqüências disso foi o êxodo de milhões de latino-americanos para a União Européia e América do Norte; nos casos dos países da América Central,



Caribe, Equador, Bolívia e Colômbia o processo afeta a uma significativa porcentagem das suas populações (MALDONADO, 2006). A tragédia econômica, a fragilidade institucional política e empresarial, a aculturação desagregadora produzida pela mundialização cultural centrada nos sistemas midiáticos, foram componentes importantes das crises estruturais que se sucederam na virada de século na região. Não foi só uma mudança formal de século; no caso latino-americano, a passagem teve transformações reais de reconfiguração das forças políticas, sociais, midiáticas e econômicas.

O desgaste das receitas de subserviência econômica/política aos EUA, o aumento da pobreza, o desemprego e a recessão econômica favoreceram a retomada de propostas críticas situadas no centro e na esquerda do espectro político da região. É assim que os partidos conservadores e liberais tradicionais tiveram que dar passo (no comando de um expressivo número de governos) a partidos e forças de *liberalismo social, nacionalismo e social-democracia*. As vertentes socialistas, enfraquecidas na década de 1990 pelas modas liberais e pós-modernas, apresentam-se renovadas e influenciam uma parte significativa dos projetos de desenvolvimento sustentável na América Latina, do Chile até o México. Essa configuração crítica, com marcas das esquerdas, mostra que uma parte significativa dos cidadãos favorece as posturas democráticas de mudança. Este é um fator que os pesquisadores e intelectuais críticos têm que considerar como parte das condições favoráveis para produzir pensamento transformador estratégico.

Nessa orientação, é válido concentrar os esforços na construção, divulgação, ensino e realização ampliada do conceito de *cidadania comunicacional* – idéia que, no caso latino-americano, já tem algumas décadas de existência, mas que, lamentavelmente, não conseguiu estabelecer uma cultura social e acadêmica que a fortaleça na sociedade e nas instituições de formação de profissionais e pesquisadores em comunicação. É assim que, no campo das ciências da comunicação, são hegemônicos o *instrumental funcionalismo* e o *colonialismo intelectual*, fato que se constata nos currículos, programas, modelos, referenciais teóricos, produção de TC, de teses e dissertações. Considerando estes componentes da realidade e o desafio construtor de uma *cultura de transformação*, na qual a pesquisa teórica e empírica permitam estruturar um conjunto de redes conceituais, concepções e idéias operativas para mudar o mundo, a dimensão comunicacional é crucial.



É preciso quebrar a lógica do mercado, o conservantismo burocrático acadêmico (“coronelismo intelectual”) e os esquemas e sistemas de segregacionismo que enganam a maioria de nossos adolescentes e jovens com estruturas escolares produtoras de ignorância sistêmica conservadora (de mediocridade). Hoje, não se pode separar *educação e comunicação*, sistemas informáticos e práticas pedagógicas, ações sociais relevantes e produção de conhecimento. É imprescindível quebrar o elitismo intelectual e instrumental das universidades, levá-las a penetrar nas sociedades, inserir nas suas estruturas acadêmicas componentes de cidadania, em especial de cidadania comunicacional. A revolução dos suportes técnicos da informática precisa ser acompanhada de uma *revolução tecnocultural* comunicacional que potencialize a riqueza da diversidade cultural, os talentos, as competências e as inteligências múltiplas (musicais, corporais, plásticas, pictóricas, matemáticas, literárias, sociais e intuitivas) (GARDNER, 1995).

Na dimensão comunicacional é necessário educar (pesquisadores, estudantes, professores e pessoas comuns) em comunicação. Primeiro, educar nas concepções, dado que o *instrumentalismo* existe e funciona como uma *ideologia naturalizada* sobre o que é informação e comunicação. Segundo, entrando na lógica interna, no funcionamento, na vivência, nas possibilidades dos sistemas informacionais, comunicacionais e midiáticos; os exemplos produtivos e inovadores na Internet e na comunicação alternativa são elucidativos das enormes possibilidades de transformação que contêm. Simultaneamente, é necessário configurar uma noção e imediatamente uma concepção de *cidadania* que supere sua redução aos critérios jurídicos e políticos, amplie sua compreensão para seu caráter multicultural, antropológico étnico, para suas implicações micro e macrosociais; leve sua definição para seus aspectos de gênero; atravesse o conservantismo tocando seus aspectos comunicacionais, poéticos e axiológicos.

A conjuntura é favorável para pensar e agir a favor de transformações substanciais. A *realidade digital* e o processo de mudança que gera, independentemente e contra a preguiça burocrática, torna possível a estruturação, amadurecimento e realização de projetos estratégicos nesta dimensão. Isto só será possível se nos retroalimentarmos dos saberes *transdisciplinares* e avançarmos em propostas e concepções *transmetodológicas*.

### 3. A opção transmetodológica

Experiências relevantes na *pesquisa em recepção* comprovam a necessidade de uma confluência multimetodológica para estruturar, trabalhar e resolver as problemáticas em comunicação (MARTÍN BARBERO, 1993; LOPES, 2002; BONIN, 2004; MALDONADO, 2002). Essa articulação cooperativa entre métodos provenientes de vários campos de conhecimento, e de várias perspectivas dentro dos mesmos campos, leva a uma exigência epistemológica de reconfiguração, atravessamento, desenho complexo, articulação, reformulação e aprofundamento dos desenhos e estratégias de investigação.

A perspectiva transmetodológica, na dimensão teórica, afirma o caráter *transdisciplinar* da produção de conhecimento crítico/estratégico, em concordância com as *epistemologias críticas transformadoras* que o pensamento revolucionário gerou no século XX (GRAMSCI, 1978; SARTRE, 1979; GORTARI, 1976; WALLERSTEIN, 1998; IANNI, 2000; SANTOS M., 2002; MATTELART, 2004; HARVEY, 2005). Nessa ótica, dialoga também com o mais instigante do pensamento *analítico* (WITTGENSTEIN, 1988; PITKIN, 1984; HALLER, 1990), *sócio-semiótico* (BAKHTIN, 1993; ECO, 2003; LOTMAN, 2000), *hermenêutico* (HABERMAS, 1999) *antropológico* (CERTEAU, 1994; HALL, 2003; GARCÍA, 1998) e *heurístico* (BATESON, 1998; MILLS, 1995; MARTÍN BARBERO; 1993; SANTOS B., 2005). Avigora-se, ainda, na apropriação dos conhecimentos que os vários campos científicos têm construído em termos de sociologia da ciência, história da ciência e filosofia da ciência (JAPIASSU, 1981) para estruturar concepções fortes e dinâmicas sobre a produção de conhecimento e sua teorização abrangente de caráter epistemológico. Concebe-se, portanto, como um pensamento aberto, *multilético*<sup>3</sup>, crítico, transformador e *transmetológico*.

*Transmetodológico* porque parte da premissa de que a investigação científica em comunicação precisa da *confluência* profunda, cooperativa e produtora da estruturação

---

<sup>3</sup> *Multilética*, termo que expressa uma *práxis múltipla* de caráter dialético que supera as reduções triádicas e dicotômicas do materialismo vulgar e da filosofia idealista.



de *métodos mistos, múltiplos*. Por conseguinte, suas lógicas, componentes teóricos, estratégias, táticas, operações e técnicas são redefinidas *indo além* dos métodos de origem, porém respeitando, mediante pesquisa metodológica sistemática, o valor histórico/científico de cada método em seu contexto de origem. Estrutura-se a proposta *transmetodológica* como uma proposição paradoxal que se nutre da riqueza metodológica do passado; não rejeita seu valor nos limites e contextos nos quais foi enriquecedora e geradora de saberes, mas, ao mesmo tempo, estabelece seus obstáculos epistemológicos, carências e problemas metódicos.

A *transmetodologia* aprende, também, dos conhecimentos socioculturais seculares que são um alicerce crucial para compreender problemáticas sociocomunicacionais profundas, como é o caso das *matrizes milenares simbólicas* que se atualizam, reconstituem-se e transformam-se nos ambientes técnico-eletrônicos, analógicos e, principalmente, digitais. Tanto a produção audiovisual da grande indústria, quanto o mundo simbólico das centenas de milhões de internautas estão marcados por essas matrizes culturais de longo, amplo e profundo alcance. Mas o espectro de saberes contempla aspectos ecológicos, espirituais, sexuais, alimentícios, medicinais, sociais e políticos. Reconhece-se, assim, as epistemologias autóctones produzidas pela multiculturalidade humana, negando-se o caráter “*absoluto*” e “*totalizante*” do saber ocidental (greco-latino, anglo-saxão e germânico) que se pretende como a “única epistemologia”.

Em termos axiológicos, afirma-se o atravessamento de *ideologias* no discurso da ciência – esta, como uma instituição social, como um produto humano com suas marcas de produção e concepção (MALDONADO, 2001). Define-se a epistemologia como um produto de conhecimento atravessado, também, por concepções, teorias, lógicas e estratégias, retirando-a, assim, de um suposto pedestal de “pureza” e caráter absoluto que a tornaria “essencialmente crítica e absoluta”. Esse logocentrismo, comum nos pensamentos eurocêntricos e nas versões colonizadas da vulgata metodológica, é profundamente questionado, afirmando o seu caráter limitado, social, histórico e ideológico (MARX, 1977; MILLS, 1995; GORTARI, 1976; JIAPIASSU, 1986; MALDONADO, 2001). Desse modo, estabelece-se a existência de epistemologias conservadoras, logocêntricas, excludentes, devastadoras, entre as quais, e a modo de exemplo, podemos apontar o *darwinismo* e *malthussianismo* sociais; o pensamento



econômico de Milton Friedmann; a epistemologia sistêmica de Niklas Luhmann e a epistemologia político cultural de Samuel Huntington. O pensamento e o conhecimento humanos fluem em distintas orientações. Em todas as épocas produziram-se conjuntos e sistemas teóricos, às vezes transformadores e críticos e muitas vezes ortodoxos, formais, etnocêntricos, retóricos. Na atualidade, o paradigma maior desse posicionamento é o *logos hegemônico ocidental*, que nega as alteridades epistemológicas e suas diversas faces.

A *transmetodologia*, na versão argumentada aqui, concebe a epistemologia como uma dimensão metodológica *do conhecimento* que atravessa o conjunto das dimensões pertinentes e necessárias (teórica, lógica, metódica, técnica) para sua constituição. Desse modo, nega seu suposto caráter exclusivo, gnosiológico (MALDONADO, 1999), que a pensa como uma disciplina que estudaria o conhecimento enquanto dimensão teórica excludente (“ciência do pensamento”). Concebe-se a epistemologia no seu caráter geral e, ao mesmo tempo, particular (na sua generalidade), como aquela dimensão/ação do pensamento que reflete, questiona, avalia, observa e propõe, a partir de um exercício de compartilhamento, com as dimensões técnicas, metódicas, teóricas e lógicas. Atravessa tudo, aprende em cooperação com as outras dimensões da produção de saberes. Produz conhecimento profundo e estratégico, estabelecendo nexos maiores com a história da pesquisa, as experiências paradigmáticas, a filosofia da ciência e os processos sócio-culturais cruciais. Gera conhecimento construindo vínculos com as particularidades, obviedades, trivialidades, com as dimensões micro, como os detalhes, novidades e experimentações heurísticas. O fato epistemológico pode construir-se na lama, no cortiço, no bordel, nos cafés, nas ruas, trilhas e praças, nos palácios, fortalezas, arranha-céus e indústrias. Quebra-se a lógica de uma *epistemologia unidimensional* com propriedades eternas e essenciais. Define-se ela como um construto marcado pelas suas condições de produção, em especial pelos sujeitos pensadores que a fabricam, e, neles, as matrizes, sistemas, concepções e orientações de pensamento; por conseguinte, a *epistemologia* na concepção *transmetodológica* é pensada no plural, como *epistemologias* (JAPIASSU, 1986; MALDONADO, 2002) que são o produto de distintos processos de estruturação de pensamentos, teorias, percepções, valores e ideologias.



É nesta *diversidade* e pertinência que a *transmetodologia* se inter-relaciona, aproxima-se e torna-se adequada, operativa e cooperativa com as linhas de investigação que buscam a mudança, a transformação sócio-cultural, acadêmica e de formas de vida. Concebe-se como uma *epistemologia crítica* (fato que o “essencialismo” e a vulgata gramatical considerariam tautológico) que configura pensamento, conhecimento, experiência, projetos e programas de ação para transformar o mundo.

Na perspectiva da *cidadania comunicacional*, a prática transmetodológica contribui para ampliar a concepção de cidadania (em construção) como um campo de pesquisa, empírica e teórica, crucial para a configuração de pensamentos que possibilitem compreender e trabalhar com as revoluções tecnológicas contemporâneas e as mudanças sócio-culturais estruturadas na atualidade. Os aspectos jurídicos, políticos e sociais da *cidadania* precisam afinar-se com os componentes comunicacionais de sua constituição. Na fase atual, em que cada vez mais as pessoas se tornam e têm a possibilidade de serem *produtoras de signos* que circulam de maneira abrangente, diminuiu significativamente o empecilho técnico para divulgar mensagens para milhões de pessoas. A potência de transmissão não requer custosas e poderosas antenas, pois, hoje, a *circulação* depende mais de aspectos culturais para estabelecer *pactos de audiência, nexos de leitura, hábitos culturais, vínculos e reconhecimentos simbólicos*.

No processo de mudança de civilização que se configura, os *modos de vida (ethos)* têm, como elemento importante de sua constituição, a participação de sistemas e culturas midiáticas, informacionais e tecno-científicas que condicionam significativamente as estruturas sócio-culturais. O pensamento comunicacional tem que assumir o desafio de produzir conhecimento (e projetos de ação) que inclua na suas estratégias os componentes paradoxais e reais que potencializam a transformação sócio-cultural. Essa mudança depende, em muito, dos *sujeitos históricos*, em especial daqueles que conformam o campo de pesquisa em comunicação. Que esse esforço intelectual contribua para que as novas formas de vida, no futuro, sejam libertárias, justas, humanistas e solidárias – formas melhores que o *capitalismo fundamentalista de mercado* (hegemônico atualmente). *Cidadania comunicacional* implica educar nos meios e com os meios para a mudança; exige superar o *instrumentalismo* e o *funcionalismo*, tornando a prática comunicacional um exercício de reflexão criativa, uma força de produção política subversora que potencialize e configure culturas de



fraternidade, poesia, fruição estética, trabalho inventivo, contradição produtiva e multiculturalidade democrática.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. Experiências científicas nos Estados Unidos, In: ADORNO, Theodor W. **Palavras e sinais/modelos críticos 2**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 259p.
- BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 1974. 223p.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Loyola, 1993. 419p.
- BATESON, Gregory. **Pasos hacia una ecología de la mente**. Buenos Aires: Lumen, 1998. 548p.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas/La modernidad y sus parias**. Barcelona: Paidós, 2005. 171p.
- BONIN, Jiani. Estratégia multimetodológica de captação de dados em pesquisa de recepção: a experiência da investigação/ Telenovela, identidade étnica e cotidiano familiar. **Rastros**, (5): p. 6-18, 2004.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia Internet/ Reflexões sobre Internet, negócios e sociedade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. p.325.
- CASSIRER, Erenst. **El problema del conocimiento (Libro 1)**. 5.ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. 619p.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano/ 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 351p.
- CHOMSKY, Noam. **O império americano/Hegemonia ou sobrevivência**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 293p.
- ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. 282p.
- \_\_\_\_\_. **Interpretação e Superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 183p.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. 239p.
- GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, 258p.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1998. 385p.
- \_\_\_\_\_. **Ideología, cultura y poder**. Buenos Aires: UBA, 1997. 111p.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes/O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 309p.



GORTARI, Eli de. **Introducción a la lógica dialéctica**. México: Fondo de Cultura Económica, 1956. 291p.

\_\_\_\_\_. **Lógica General**. México: Editorial Grijalbo, 1976. 307p.

\_\_\_\_\_. **La ciencia en la historia de México**. México: Editorial Grijalbo, 1980. 446p.

GRAMSCI, Antonio. **Obras escolhidas**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

HABERMAS, Jürgen. A problemática da compreensão nas ciências sociais, In: J. Habermas, **Teoria da ação comunicativa 1**, Madrid: Taurus, 1999. p. 147-196.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003, 434p.

HALLER, Rudolf. **Wittgenstein e a Filosofia Austríaca: Questões**. São Paulo: EDUSP, 1990, 152p.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna/Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 2005, 349p.

IANNI, Octavio. **Enigmas da Modernidade-Mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, 319p.

\_\_\_\_\_. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995, 228p.

JIAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 4ªed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986, 202p.

\_\_\_\_\_. **Questões epistemológicas**. Rio de Janeiro: Imago, 1981, 173p.

LOPES, M. Immacolata. **Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico**. São Paulo: Loyola, 1990, 148p.

\_\_\_\_\_. et al. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade**. São Paulo: Summus, 2002, 394p.

LOTMAN, Yuri. **La semiosfera III- Semiótica de las artes y de la cultura**. Valencia/España: Universidad de Valencia, 2000, 300p.

LUHMANN, Niklas. **A improbabilidade da comunicação**. Lisboa: Vega, 2001, 154p.

\_\_\_\_\_. **Sistemas sociales: lineamentos para una teoría general**. Barcelona: Anthropos, 1998, 445p.

MALDONADO, A. Efendy. **Teorias da comunicação na América Latina: Enfoques, encontros e apropriações da obra de Verón**. São Leopoldo/RS: UNISINOS, 2001, 272p.

\_\_\_\_\_. Produtos midiáticos, estratégias, recepção. A perspectiva transmetodológica, In **Revista Ciberlegenda**, num.9, ano IV, 2002 ([www.uff.br/ciberlegenda](http://www.uff.br/ciberlegenda)).

\_\_\_\_\_. A midiaticização das alteridades culturais no Brasil e na Espanha. In: **X SEMINÁRIO APEC: 10 anos de saber e memória**, Barcelona: APEC-Institut Català de Cooperació Iberoamericana, 2005, p.57-64.



\_\_\_\_\_. Práxis reflexiva comunicacional e configurações sociais transformadoras. In: COGO, Denise; MAIA, João (Org.). **Comunicação para a cidadania** Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2006, p. 27-40.

\_\_\_\_\_. “A midiaticização das migrações contemporâneas na Espanha: interculturalidade, produção e recepção”, In: **Revista Media & Jornalismo**, Número 8, ano 5, p. 137-158, 2006b.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones: Comunicación, cultura y hegemonía**. 3ª ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1993, 300p.

MARX, Karl. **Contribuição para a crítica da Economia Política**. 5ª ed. Lisboa: Estampa, 1977, p. 365.

\_\_\_\_\_. **O capital: crítica da economia política (Vol. 1, Tomo 1)**. São Paulo: Nova Cultural, 1988, 287p.

MATA, María Cristina. De la presencia a la exclusión, In **Revista Diálogos de la comunicación**, Lima, número 59-60, octubre 2000.

\_\_\_\_\_. De la cultura masiva a la cultura mediática. In: **Revista Diálogos de la Comunicación**, Lima, número 56, octubre 1999.

MATTELART, Armand. **História da Utopia Planetária: da cidade profética à sociedade global**. Porto Alegre: Sulina, 2002, 430p.

\_\_\_\_\_. **História da sociedade da informação**. São Paulo: Loyola, 2002b, 197p.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **Pensar as mídias**. São Paulo: Loyola, 2004, 255p.

MILLS, C. Wright. **La imaginación sociológica**. Santiago/Chile: Fondo de Cultura Económica, 1995, 237p.

PITKIN, Hanna. **Wittgenstein: El lenguaje, la política y la justicia**. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1984, 516p.

SANTOS, Boaventura de Souza. **El milênio huérfano/ensayos para una nueva cultura política**. Madrid: Editorial Trotta, 2005, 374p.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo/razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2002, 384p.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica de la razón dialéctica (Libro 1)**. 3ª ed. Buenos Aires: Losada, 1979, 488p.

SFEZ, Lucien. **Crítica da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1994, 389p.

SOROS, George. **A crise do capitalismo global: os perigos da sociedade globalizada, uma visão crítica do mercado financeiro internacional**. Rio de Janeiro: Campus, 2001, 342p.

STIGLIZ, Joseph E. **El malestar en la globalización**. Madrid: Santillana, 2006, 447p.

VERÓN, Eliseo (1977). **Ideologia, estrutura e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 234p.



WALLERSTEIN, Immanuel et. al.. **Para abrir as Ciências Sociais**. São Paulo: CórteX, 1998, 151p.

WINKIN, Yves. **La nueva comunicación**. Barcelona: Cairos, 1994, 378p.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigaciones filosóficas**. México-Barcelona: UNAM-Crítica, 1988, 549p.